

Eleição, esperança e desalento

Rogério L. Furquim Werneck*

Por mais intensa que seja a polarização, a verdade é que, por ora, há pouco ou nenhum entusiasmo com a disputa presidencial. Seja na centro-direita, seja na esquerda.

Eleições presidenciais costumam ensejar reflexões de mais fôlego sobre os desafios mais prementes com que se defronta o País. E despertar esperanças de que a superação de tais desafios possa estar prestes a entrar em fase mais promissora.

Não é o que agora se vê. O que a campanha presidencial em curso tem engendrado é algo bem distinto: um clima de desalento generalizado, em face da gritante desproporção entre a enormidade dos desafios a enfrentar e os desfechos calamitosos que a eleição de outubro poderá propiciar.

Não há esperança, só desalento. Não há como se entusiasmar com a concessão de um quarto mandato a Lula da Silva, nem com a perspectiva de alçar alguém como Flávio Bolsonaro à Presidência da República.

Salta aos olhos o desconforto das forças de centro-direita, sequestradas pelo bolsonarismo, com a ideia de serem representadas no embate contra o lulopetismo por um candidato virtualmente sem qualidades. Muito menos agora, quando o primogênito de Jair Bolsonaro já não sabe mais o que alegar para não se ver tragado pelo vórtice do caso Vercaro.

Na esquerda, petistas mais lúcidos bem sabem que tentar reeleger Lula pela quarta vez já não coaduna com o projeto de poder do partido num horizonte mais longo. E pode acabar custando muito caro ao PT.

O que prevaleceu, contudo, foi a inércia, a aversão ao risco e, claro, a ambição desmedida de Lula, mesmo com todo o pavor do PT de que o presidente não tenha saúde para completar um quarto mandato. E de que venha a ser substituído por um vice-presidente que já não se sabe bem o que é, mas que, petista, por certo, não é. “Infelizmente, Lula tem de ser candidato”, chegou a lamentar Gleisi Hoffmann.

Trata-se agora de “fazer o diabo” para tentar reeleger um presidente que completaria 82 anos no primeiro ano de seu quarto mandato, sem mais nada de novo a propor ao País, a cada dia mais impermeável a opiniões de quem quer que ouse dele discordar, mais populista e irresponsável do que nunca, convicto de que governar é promover infundável distribuição de benesses a seus eleitores e despreparado para lidar com um Congresso ainda mais à direita que o atual.

Uma receita perfeita para o desastre, alardeada agora como única alternativa ao pesadelo da recondução dos Bolsonaro ao Planalto. Sobram razões para desânimo e apreensão com a disputa presidencial.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.